

# ACELERAÇÃO VENCE FANTASMA DA REPETÊNCIA

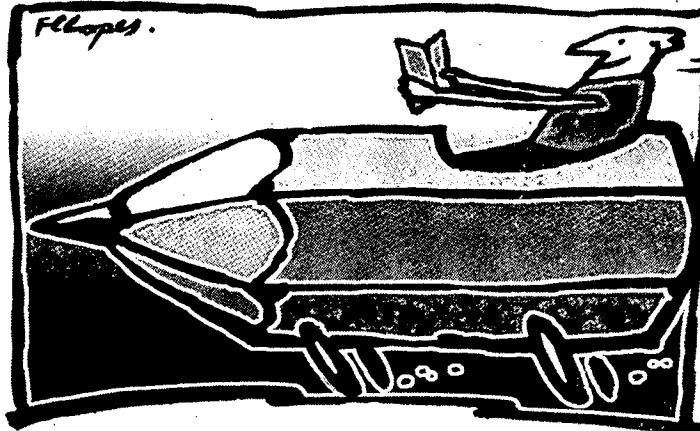
Paulo Renato Souza

Educação

Principal responsável no Brasil pela falta de vagas nas séries iniciais do ensino Fundamental e pela evasão escolar, o problema da repetência está sendo enfrentado com uma série de ações eficazes. Uma delas é o Programa de Aceleração de Aprendizagem. Criado pelo Ministério em 1997, ele procura nivelar o aluno à série correspondente à sua idade, permitindo-o saltar com segurança várias classes em um ano de estudos.

A iniciativa se propagou por todos os estados, atraiu parceiros e indica que podemos vencer a cultura do fracasso escolar. Era hora. Por conta dessa fracassomania, agora em xeque, milhões de alunos introjetavam uma derrota que não era sua e deixavam a escola, milhares de professores frustravam-se em seu ofício e os governos desperdiçavam vastos recursos financeiros e técnicos.

Dados coletados pelo Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais (Inep), em 1996, praticamente impuseram a aceleração. Eles mostravam que os alunos levavam em média onze anos para concluir as oito séries do ensino Fundamental. Muitos gastavam quinze anos, o que acentuou a urgência do programa. Esse intolerável cenário fomentador do chamado "caldeirão social", responsável em boa parte pelo cinturão de pobreza e violência nas cidades, é en-



frentado hoje com a aceleração, especificamente, em cerca de 1/5 dos municípios brasileiros. Cerca de 800 prefeituras adotaram essas turmas e, de acordo com o Inep, o número de alunos atendidos nelas chegava a 1,2 milhão no ano passado, devendo aumentar muito neste ano. Quando não saltam de vez todos os anos perdidos, os alunos avançam um, dois anos, mas recuperam a auto-estima e prosseguem estudando; os professores enriquecem-se ao descobrir novas formas de ensinar e o sistema se credencia, oferecendo vagas à demanda crescente.

Os resultados das classes especiais das redes de ensino estão sendo levantados pela primeira vez no Censo Escolar deste ano. Logo teremos um raio-x nacional do programa, seus êxitos e difi-

culdades.

Mesmo que o sucesso da aceleração, verificado preliminarmente em relatórios enviados ao MEC, sejam visíveis em vários sistemas de ensino, temos claro que estamos no começo. A difusão maciça do programa se faz ainda necessária, até porque a defasagem idade-série deve continuar alta. Como mostrou o Censo Escolar de 1998, ela atingia 46,7% dos alunos do Fundamental e 53,9% dos estudantes do ensino Médio.

Isso significa que a imensa maioria dos 16,7 milhões de alunos repetentes, do total de 35,8 milhões do ciclo inicial, continuarão atrasados, sendo que 8,5 milhões têm 15 anos de idade ou mais e já poderiam estar no ensino Médio. Nesse ciclo, a defasa-

gem, também alta, afetava 3,7 milhões de jovens dos 6,9 milhões matriculados na rede pública e privada do país.

Um programa revolucionário como é o da aceleração mexe com antigas concepções e estruturas de ensino. Mas prova que pode dar certo porque, em primeiro lugar, é o professor e não o aluno o principal responsável pelo sucesso ou insucesso escolar. Depois, porque a aceleração, que deixará de ter caráter emergencial à medida que o êxito cresça nas classes regulares, obedece a uma metodologia que promove com responsabilidade. Terceiro, porque o aluno consegue, sim, aprender rápido, se contar com professores dispostos a superar limites pedagógicos e se desfrutar da viva colaboração da família.

Ao final, no entanto, o mérito está com o professor. Ele é a principal figura do processo. Ao lado dele, porém, toda a equipe pedagógica tem a chance de repensar o ensino, o currículo e o sistema de acompanhamento e avaliação. A aceleração possibilita a todos aperfeiçoar o ofício de bem ensinar e é um procedimento em consonância com os princípios da universalização do ensino com eqüidade e qualidade. Pode-se, com ela, ajudar a redesenhar o futuro das novas gerações.

■ Paulo Renato Souza é ministro da Educação

29 DEZ 1999